

OS
SERTÕES
A LUTA

EUCLIDES DA CUNHA

OS SERTÕES A LUTA

Uma história em quadrinhos de
CARLOS FERREIRA e RODRIGO ROSA

COPYRIGHT DA ADAPTAÇÃO @ 2019 BY CARLOS FERREIRA
E RODRIGO ROSA

GRAFIA ATUALIZADA SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO
DA LÍNGUA PORTUGUESA DE 1990, QUE ENTROU EM VIGOR
NO BRASIL EM 2009.

CRONOLOGIA
ANDRE BITTENCOURT

REVISÃO
MARCIA MOURA
RENATA LOPES DEL NERO
LUCIANE GOMIDE

TRATAMENTO DE IMAGEM
AMÉRICO FREIRIA

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

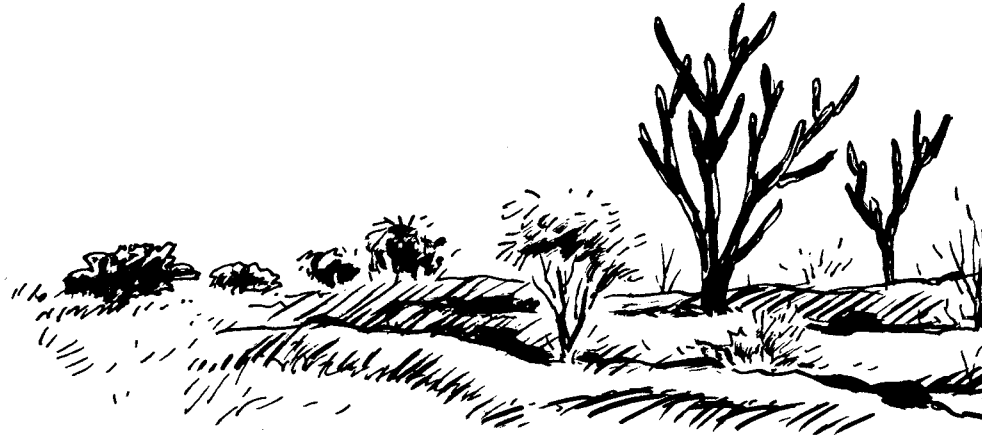
FERREIRA, CARLOS OS SERTÕES : A LUTA / EUCLIPES DA CUNHA ; ADAPTADO POR CARLOS FERREIRA E RODRIGO ROSA – 1ª ED. – SÃO PAULO : QUADRINHOS NA CIA., 2019.	
ISBN 978-85-359-3240-9	
1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS I. CUNHA, EUCLIPES DA, 1866-1909. II. ROSA, RODRIGO III. TÍTULO.	
19-26455	CDD-741.5

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS 741.5

CIBELE MARIA DIAS – BIBLIOTECÁRIA – CRB-8/9427

2019

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À
 EDITORA SCHWARCZ S.A.
 RUA BANDEIRA PAULISTA, 702, C.J. 32
 04532-002 – SÃO PAULO – SP
 ☎ (11) 3707-3500
 ✉ WWW.COMPANHIASLETRAS.COM.BR
 ✉ WWW.BLOGDACOMPANHIA.COM.BR
 © QUADRINHOSNÁCIA



CRÔNICAS DE TERRA E FOGO

Maurício Hoelz

Os sertões é um livro sobre a descoberta de um Brasil então desconhecido e da nossa nacionalidade em formação. Seu autor, Euclides da Cunha (1866-1909), embora fosse engenheiro militar, sempre teve uma relação de amor e ódio com o Exército e em 1896 foi reformado no posto de tenente. No ano seguinte, foi contratado, como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* para fazer a cobertura da Guerra de Canudos no palco dos acontecimentos, no interior da Bahia. Essa guerra foi também um marco na história da imprensa nacional: os principais jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e Salvador criaram em suas páginas colunas dedicadas exclusivamente ao assunto, transformando-o num verdadeiro evento midiático. O noticiário era totalmente parcial: quase todos os repórteres eram militares e condenavam com unanimidade os canudenses, que não tinham voz nem vez. Na condição de enviado especial, Euclides viaja para Canudos em companhia do ministro da Guerra, marechal Macedo Bittencourt, em junho de 1897 e lá permanece até o dramático desfecho da guerra, em outubro daquele ano, com o massacre dos sertanejos. Em suas três semanas finais, foi testemunha ocular de um conflito que durante onze meses abalou a República, que transformou um pequeno foco de uma insurreição, supostamente causada por fanáticos religiosos saudosistas da monarquia, numa imensa tragédia nacional. A série de reportagens publicadas por Euclides é considerada o embrião de *Os sertões* (anos após a morte do autor elas seriam reunidas no livro *Diário de uma expedição*).

Nesta história em quadrinhos, surpreendemos a jornada de Euclides da Cunha rumo ao Brasil profundo e ao encontro de Antônio Conselheiro na "região assustadora" de Canudos, espécie de entranha do país. Conselheiro peregrinou durante trinta anos pelos sertões do Nordeste com seu grupo crescente de seguidores errantes. Cumpria voto de penitência construindo ou reconstruindo igrejas, cemitérios e açudes, enquanto pregava e proferia sermões (chamados de *conselhos*). Após algumas desavenças com as autoridades locais, os peregrinos começaram a evitar as aglomerações urbanas penetrando cada vez mais sertão adentro. Acabam se refugiando, por volta de 1893, na tapera de uma fazenda abandonada no coração do sertão da Bahia, "paragem sinistra e desolada" que teria atravessado quatrocentos anos de história absolutamente esquecida, excluída dos mapas e temida pelos viajantes. Nessa *terra ignota* e sobre as ruínas, os peregrinos instalam seu acampamento,

edificam uma “Troia de taipa” formada por labirintos de casebres de pau a pique, reconstroem com as mãos e pedra por pedra um antigo templo local e começam a erguer um outro muito maior. A não entrega de encomenda, feita na cidade de Juazeiro e já paga, de um lote de madeiras para as obras da igreja desencadeia um primeiro incidente que ficou conhecido como a primeira expedição contra Canudos, ou Expedição Pires Ferreira.

Abandonados pelos políticos e grandes proprietários, padecendo com a seca e a recessão que flagelavam o país, milhares de sertanejos dirigiam-se para aquela espécie de cidadela movidos por crença na salvação milagrosa que pouparia os humildes habitantes do sertão do “martírio secular da terra” e do clima, bem como da exclusão socioeconômica. Se a República não passava de uma ideia abstrata e distante para aquela gente por ela ignorada, Belo Monte – nome com que Antônio Conselheiro batizara Canudos – lhes saciava a fome e a sede e supria a falta do Estado. Com o crescimento do arraial, a própria organização comunitária de Canudos e o comércio que mantinha com a vizinhança incomodaram os interesses dos grandes senhores da região. Unindo-se à Igreja Católica – que também se sentia ameaçada pela competição do beato –, eles começaram a pressionar o governo pela extirpação de “tal cancro monarquista”, nos termos da época. Embora isso não fosse fato, a máquina de propaganda da imprensa se encarregaria de representar Canudos como o foco de uma conspiração monarquista internacional, com sede em Nova York, Paris e Buenos Aires, ramificações em todo o território nacional, navios na costa, rede de apoio logístico e mesmo treinadores estrangeiros no local. Já a jovem República não perderia a oportunidade de transformar Canudos em bode expiatório, para encobrir os problemas políticos e econômicos que a assolavam.

Se adaptada para o universo dos games, a Campanha de Canudos bem poderia ser uma versão de *Call of duty* em que caberia a nós escolher com qual lado jogar. Quatro expedições militares para lá foram enviadas, três delas derrotadas. A que passaria para a história como a terceira expedição fora o estopim para a comoção nacional. Comandadas pelo coronel Moreira César – que se distinguira na repressão à Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, ficando conhecido pelo apelido de Corta-Pescoço –, já no primeiro ataque as tropas batem em retirada sofrendo pesadas perdas, incluída a de seu comandante, e se desfazendo de peças de roupa, mochilas, armas e munições, logo coletadas pelos canudenses. Essa derrota provoca a depredação de quatro sobreviventes jornais monarquistas e manifestações de rua nas duas principais cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo. A quarta expedição põe-se em marcha em junho de 1897 e impõe um cerco ao arraial para impedir socorro ou reforços e, sobretudo, bloquear o abastecimento de água, tão preciosa na caatinga seca e tão penosamente obtida em cacimbas no leito seco do rio Vaza-Barris.

A brava resistência dos sertanejos, porém, surpreende e passa a desafiar a compreensão da sociedade brasileira. Alguns dias antes do fim, negocia-se uma rendição de cerca de trezentas pessoas, reduzidas pela fome a quase esqueletos: mulheres, crianças e apenas alguns homens velhos. Finalmente, em 5 de outubro de 1897, após intenso bombardeio de vários dias e da utilização de uma espécie de napalm primitivo – o querosene que empapava as casas ainda habitadas era incendiado por bastões de dinamite –, o arraial se calou, sem se render. Todos os prisioneiros válidos feitos ao longo da guerra tinham sido degolados com requintes de crueldade. Prática sarcasticamente apelidada de “gravata vermelha” pelas tropas militares. Os últimos resistentes, queimados numa cova no largo das igrejas, não eram mais que quatro, dois homens, um velho e um menino. Crianças sobreviventes foram vendidas. O cadáver de Antônio Conselheiro foi exumado e sua cabeça decepada a faca. A Guerra de Canudos mobilizou cerca de 12 mil soldados e deixou o saldo de aproximadamente 25 mil pessoas mortas. Pelo fogo o barro vira pó.

A terra e a República mancharam-se de sangue. Diante de tanta violência, ocorre uma reviravolta na opinião pública. O sertão viraria mar e os civilizados, bárbaros. A conspiração monarquista desmanchava-se no ar, restando o massacre indiscriminado de gente pobre. Parte dos apoiadores e observadores da Guerra fazem então um mea-culpa. Nenhum deles mais contundente do que *Os sertões*, um livro de denúncia de um crime e de expiação da culpa coletiva. Essa talvez seja a principal razão para seu notável sucesso imediato, concretizado em edições sucessivas, que levou à eleição do autor para a Academia Brasileira de Letras e para o Instituto Histórico e Geográfico. E também de o livro ter virado um clássico que reinventou o Brasil. Visto como um grito de alerta para a elite política do país, desde sua publicação em 1902, esse “livro vingador”, na expressão de um crítico da época, procurava fazer justiça a essa gente isolada pela terra e pelo Estado e consumida pelo fogo da modernização, resgatando-a para a história. *Os sertões* não nos deixa esquecer o que aconteceu e continua acontecendo em nossa sociedade, que gosta de repetir, para si mesma e para os outros, o mito de sua índole pacífica.

O livro se estrutura em três partes: a terra, o homem e a luta. Embora Euclides se filiasse às correntes naturalistas e positivistas em voga na época, a escrita deste livro que é científico mas também literário acaba ressaltando os dilemas da formação histórica do país e a dificuldade que esquemas deterministas fixos encontram para interpretar a permanente transformação da natureza, do homem e da sociedade diante do enigma desse espaço revoltado e indomesticável que seria o sertão. Na segunda parte, o escritor apresenta uma ideia central do livro: o isolamento do sertanejo como fator histórico para explicar o antagonismo entre litoral e sertão. Em contraste com a visão dominante sobre a inferioridade do mestiço, Euclides desenvolve aí também a tese mais importante

de *Os sertões*: a de que o sertanejo seria antes um "retrógrado" do que um "degenerado". E isso resultaria, paradoxalmente, de sua distância das influências negativas da "civilização de empréstimo" que se desenvolvera nas cidades do litoral. "O sertanejo é, antes de tudo, um forte" por ter sido preservado pelo isolamento – espécie de dádiva de um meio inclemente – do "raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral". Se o sertanejo era "a rocha viva da nossa raça", esta estava sendo exterminada antes que acabasse de se formar; e essa é a grande tragédia.

A viagem a Canudos foi considerada pelo próprio Euclides como uma descida aos infernos, contribuindo para acentuar as dúvidas do escritor diante dos ideais de progresso então dominantes e para alterar profundamente sua visão sobre os sertanejos. Denunciando os excessos e contradições da República, o escritor encena no fundo o drama da civilização brasileira. Nas crônicas de terra e fogo por ele narradas, o sertão torna-se metáfora do Brasil, ou forma de vê-lo pelo avesso, e *Os sertões* faz-se um livro-monumento de uma sociedade dividida entre dois polos, um atrasado, porém considerado a base possível da nacionalidade, e um civilizado, formado, entretanto, por elites políticas e intelectuais que tudo copiavam da Europa e davam as costas ao país e a seu povo. É dessa história que você, leitor, está prestes a fazer parte por meio dos traços quase expressionistas do desenho de Rodrigo Rosa e da tensão dramática do roteiro adaptado por Carlos Ferreira.

MAURÍCIO HOELZ é sociólogo e pesquisador de pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), instituição em que também se formou. É editor da revista *Sociologia & Antropologia* e autor de *A violência que nos une* (Editora UFMG, no prelo).





